

**Universidade:
presente!**

PROGRAD
PROPQ
SEAD

RELINTER
CAF
SAI

XV Salão de
ENSINO

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

CONVOCAMENTO FORMATAÇÃO INSCRIÇÃO
Salão UFRGS 2019

Evento	Salão UFRGS 2019: XV SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Monitoria indígena na Música 2019/I
Autor	VINICIUS VEIGEL VARGAS
Orientador	MARILIA RAQUEL ALBORNOZ STEIN

RESUMO: Ao relatar a experiência como Monitor Indígena realizada por mim com Gilson Ferreira, estudante Kaingang no Curso de Música, Instituto de Artes, UFRGS, em 2019/1, pretendo refletir sobre algumas dimensões metodológicas adotadas. O Processo Seletivo Indígena (PSI, Decisão n.134/2007 do Conselho Universitário) oferece 10 vagas indígenas na UFRGS desde 2008. No final de 2016, pela primeira vez lideranças indígenas do RS optaram por uma vaga no Curso de Música. Aprovado pelo Processo Seletivo Específico para Ingresso de Estudantes Indígenas, Gilson entrou no curso de Música em 2017. A Monitoria Indígena é uma política de inclusão e permanência promovida pela UFRGS através da Coordenadoria de Acompanhamento das Ações Afirmativas (CAF), conforme Instrução Normativa PROGRAD/CAF nº 02/2016. Assim como beneficia ao estudante indígena, a fim de inseri-lo em uma estrutura administrativa e curricular estabelecida, é também uma ação que torna possível que a instituição se torne um espaço mais interepistêmico ou intercultural. Entre suas atribuições, o Monitor deve “dispor de horários semanais para trabalhar e estudar com o estudante indígena”, “traduzir para o estudante indígena situações próprias da vida acadêmica e da vida na cidade” e “reconhecer e respeitar a identidade étnica do indígena, dispondo-se a aprender acerca de seu modo de vida, buscando assim superar as incompreensões próprias nos processos de contatos interétnicos”. A seleção do Monitor se orienta, assim, por critérios como sensibilidade para o encontro intercultural, capacidade inventiva no âmbito musical e desejo de aprendizagem. Gilson contou com três monitores não indígenas até o momento: um monitor em 2017/1 e 2018/1, que se afastou da atividade por motivos pessoais; outro em 2018/2, selecionado entre outros fatores por residir na mesma cidade de Gilson (São Leopoldo); e pelo edital de 2019/1 tornei-me monitor. Gilson e eu iniciamos o curso de Música na mesma turma, em 2017/1. Portanto, já nos conhecíamos e havíamos realizados alguns trabalhos juntos, como provas de História da Música, o que facilitou a aproximação. Ambos tocamos violão, instrumento que serviu de referência para o estudo prático ao longo do semestre. No semestre 2019/1, Gilson cursou *Fundamentos da Música, Percepção Musical III, Músicas Tradicionais do Brasil e Prática Musical Coletiva III*, com aprovação em todas as disciplinas. Nossos encontros presenciais aconteceram em prédios centrais da universidade, no Instituto de Artes e na Casa do Estudante. Além disso, a comunicação funcionou pelas redes sociais, através de texto e áudio, em horários bastante flexíveis. Houve interesse de Gilson em inscrever-se ainda em *Harmonia C*, porém desistiu ao ponderar a demanda de estudos e trabalho, visto que também integra o grupo *Nóg Gã, Kaingang*, atualmente participante do projeto *Sesc Sonora Brasil*, que leva a música Indígena a diversos estados do Norte e Nordeste. O fato requereu a ausência de Gilson da cidade, o que dificultou nosso contato em muitos momentos, mas gerou outras experiências importantes em sua formação profissional. Sobre as disciplinas realizadas: *Percepção III* envolveu conhecimento teórico-perceptivo euroreferenciado em nível complexo, por isso foi a disciplina mais visada em nossos estudos. A professora da disciplina organizou o semestre com base em 3 avaliações: uma em forma de ditados harmônico, melódico e rítmico, que exigiu conhecimento avançado dos alunos em percepção e grafia musical; uma prova oral acerca de Escalas Exóticas, Solfejo Atonal e Compassos compostos; e uma Prova Criativa, para a qual o grupo de Gilson lançou mão de uma frase em Kaingang: “Kuró ta énh vesy ta enh venh grin gren gue” (“A Luz do sorriso da fada que dança”). Em *Fundamentos da Música* focou-se o exercício de leitura, escrita e reflexão. Trata-se de uma disciplina teórica que exige organização individual do aluno, pois a turma possui mais de 70 participantes e o professor aborda tópicos variados e solicita a entrega de diversos trabalhos individuais. Gilson e eu definimos os assuntos a serem discorridos, mantendo contato frequente sobre as possibilidades de aprendizado. No final do semestre, Gilson escreveu um artigo aprofundando o tema que havia tratado no ano anterior em Iniciação Científica, “Música e espiritualidade Kaingang”. *Músicas Tradicionais do Brasil* foi lecionada pela professora orientadora da Monitoria Indígena, que possui afinidades temáticas e pessoal com Gilson, não havendo demanda de meu envolvimento. O trabalho final do qual Gilson participou na disciplina refletiu sobre o a improvisação no encontro entre a música *Kaingang* – representada pelo *syg-syg* (chocalho tradicional) e o canto de Gilson - e a música urbana de viés *jazzístico* – realizada por colegas tocando bateria e piano. Este trabalho teve por base a experiência em *Prática Musical Coletiva II* (2018/2), na qual uma primeira concepção destas performances foi formulada. Também a partir dessa prévia parceria, Gilson participou de maneira bastante entrosada de *Prática Musical Coletiva III* (2019/1), pois com alguns colegas já possuía afinidade do semestre anterior. Particpei do evento formativo *Indígenas no Ensino Superior: Caminhos da Interculturalidade*, produzido pela CAF, que contou com a presença de 14 Monitores Indígenas de variadas áreas e 3 estudantes indígenas. Muitos debates e relatos dos participantes serviram para enriquecer as formas de se trabalhar e evoluir em Ações Afirmativas, proporcionando seu melhor entendimento político e social e de seu valor ético. O Brasil sofre atualmente um processo de retrocesso cultural, através das políticas do governo de redução de investimentos na Educação e de desvalorização de nossa diversidade socioambiental e humana. Espera-se que cada vez mais que a academia acolha os ensinamentos que os povos tradicionais têm a oferecer, produzindo reflexões sobre os currículos e sobre sua adequação às demandas da sociedade, em sua diversidade. Por outro lado, fica a expectativa de que estudantes indígenas e não indígenas aproveitem as oportunidades de aprendizado mútuo, como a Monitoria, rompendo paradigmas eurocêntricos de ensino e criando situações acadêmicas afirmativas, em que os Estudantes Indígenas se reconheçam e sejam reconhecidos na produção de conhecimento musical, entre referências cosmológicas e tradicionais e potencialidades de inovação.